

A movimentada vida dos senadores turistas

■ Eleitos por outros estados, eles passam seu tempo viajando

BRASÍLIA — É possível representar um estado no Senado morando a milhares de quilômetros dos eleitores. Pelo menos é o que acreditam os senadores Gilberto Miranda (PMDB-AM), Ney Suassuna (PMDB-PB) e José Sarney (PMDB-AP). Miranda mora em São Paulo e viaja quatro a cinco vezes por ano para o Amazonas. Suassuna divide seu tempo entre cinco residências e passa muito mais tempo no Rio de Janeiro do que na Paraíba. Principal liderança política do Maranhão, Sarney se elegeu senador pelo Amapá em 1990 e alterna seu tempo entre Brasília, São Luís e Macapá.

Um voto — Gilberto Miranda costuma dizer que o único voto que teve para senador foi o dele próprio. Empresário na Zona Franca de Manaus, Miranda construiu uma carreira política curiosa, que sempre passou longe das urnas e perto dos cofres de financiamento de campanha. Foi eleito duas vezes suplente de senador pelo Amazonas e acabou herdando o mandato quando o titular Amazonino Mendes foi eleito prefeito de Manaus, em 1992.

A primeira eleição de Miranda aconteceu em 1986, quando foi suplente do senador Carlos De Carli. Em 1990 assumiu o mandato por quatro meses, durante afastamento de Carli. No mesmo ano, Miranda foi novamente candidato a suplente de senador, desta vez na chapa de Amazonino Mendes. Entre janeiro de 1991 e dezembro de 92, ele viveu a estranha situação de ser suplente de dois senadores ao mesmo tempo.

Nas duas campanhas, Miranda atuou na área financeira, fazendo a ponte entre os candidatos e seus financiadores. Em 1992, ele voltou a desempenhar a função, desta vez apoiando a candidatura de Amazonino Mendes a prefeito. Quando este foi eleito prefeito, renunciou ao Se-

nado e Gilberto Miranda herdou os seis anos de mandato que faltavam.

Nem mesmo o fato de suas empresas atuarem na Zona Franca de Manaus prende Gilberto Miranda ao Amazonas. Desde que assumiu o cargo no Senado, ele entregou a administração das empresas aos executivos de sua holding, que tem sede em São Paulo. Miranda divide seus fins de semana entre a mansão de R\$ 3 milhões que possui em São Paulo, sua chácara no interior paulista ou a ilha particular, perto de Ilha Bela, no litoral norte de São Paulo.

Apesar de visitar pouco o Amazonas,

Miranda é um lobis ferrenho do estado. Todas as emendas que ele apresenta ao Orçamento da União são preparadas pelo governo do estado. Ele conversa pelo menos duas vezes por semana com o atual governador e antigo aliado Amazonino Mendes para receber pedidos do estado. Miranda diz que o fato de não ter interesses políticos e não pensar em reeleição "permite uma atuação suprapartidária em favor do Amazonas".

Ney Suassuna diz que não é fácil ser senador por um estado e morar em outro. "Moro no Rio de Janeiro e sou representante da Paraíba. A vida não é fácil e custa muito caro. Tenho que manter cin-

co casas", reclama o senador, que é dono da rede de escolas Anglo.

Suassuna costuma ficar em Brasília entre a tarde de segunda-feira e a manhã de quinta. Normalmente na sexta-feira está no Rio de Janeiro, onde se divide entre reuniões das empresas "para ver como estão as coisas" e a liderança da Associação Comercial da Barra da Tijuca. Visitas à Paraíba só uma ou duas vezes por mês, no fim de semana. O contato com os eleitores é feito por entrevistas telefônicas com as emissoras de rádio da Paraíba.

Suassuna também ganhou o mandato de presente. Era suplente de Antonio Ma-

riza, que foi eleito governador da Paraíba em 1994. O mandato herdado termina em 1998 e o senador está pegando gosto pelo cargo. Já admite disputar pela primeira vez uma eleição de verdade, tentando mais oito anos no Senado.

Indicar empresários poderosos e com pouca expressão política para a suplência de senador é uma prática comum. Eles não só ajudam na arrecadação de recursos como atraem simpatia de outros empresários para a chapa. O empresário Pedro Piva (PSDB-SP), dono da Klabin, é um desconhecido dos eleitores de São Paulo, mas já está cumprindo seu segundo ano como senador. Ele é suplente do ministro do Planejamento, José Serra. O dono da Vasp, Wagner Canhedo, é suplente da senadora Marluce Pinto (PPB), de Roraima.

Lobby — Quando ofereceu ao ex-presidente da República José Sarney a possibilidade de se candidatar ao Senado pelo estado em 1990, o Amapá ganhou um poderoso lobista em Brasília. Sarney, que estava sem espaço para candidatar-se no PMDB do Maranhão, acabou se elegendo pelo Amapá. Hoje, presidente do Senado, transformou-se no principal defensor dos interesses do Amapá em Brasília. Sua lista de realizações vai da criação da Zona de Livre Comércio no estado até a negociação de emendas no orçamento da União, mandando verbas para o estado.

Na prática, Sarney é um senador de dois estados. Em uma frente, negocia com o Palácio do Planalto favores para o Maranhão, governado pela filha Roseana. Em outra, consolida sua base no Amapá, onde costuma estar duas vezes por mês e montou uma casa que serve como palco para as reuniões políticas.

Sarney não vive no Amapá. Sua vida pessoal fica dividida entre o sítio do Pericumã, em Goiás, a casa da praia do Calhau, em São Luís, e a Ilha do Curupu, também no Maranhão. O endereço em Macapá é para fazer política. (Gustavo Krieger)

